

Criação de um observatório da vida estudantil entre os países lusófonos: um estudo exploratório

Rosana Rodrigues Pêgas Godoy – ESPM – rosana.godoy@espm.br

Manolita Correia Lima – ESPM – mclima@espm.br

Giovanni Allegretti – UC – allegretto70@gmail.com

Ivor Prolo – ESPM – ivorprolo@yahoo.com.br

Danilo Martins Torini – ESPM – danilo.torini@espm.br

Claudia Cristiane dos Santos Silva – ESPM – claudia@espm.br

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM

Universidade de Coimbra – UC

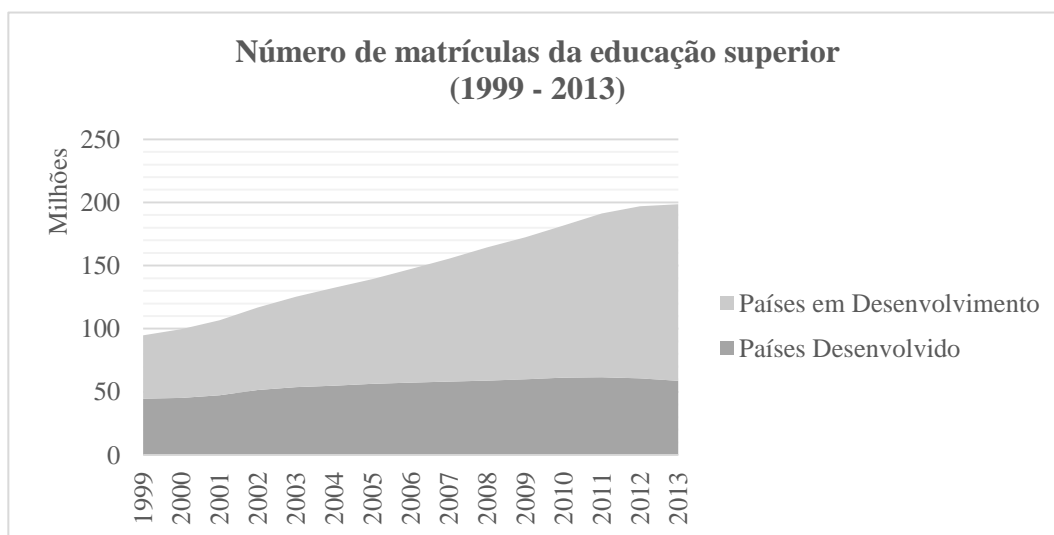
Da década de 1990 em diante a população estudantil mundial cresce exponencialmente (UNESCO, 2014), particularmente entre os países do Hemisfério Sul (Davidenkoff & Kahn, 2006). Isso tem justificado iniciativas voltadas para a compreensão da vida estudantil (programas, projetos, pesquisas, publicações etc.), dentre as quais chama atenção o número de observatórios criados em países selecionados. Levando em conta a importância de conhecer aspectos típicos da vida estudantil, somada à dispersão dos dados e a pouca clareza das políticas públicas voltadas para a população estudantil unida pela lusofonia, a pesquisa em andamento assume caráter exploratório na medida que reunirá materiais que fundamentarão um projeto de criação de um observatório da vida estudantil, que será focado na população universitária dos países que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Algumas questões norteiam o itinerário teórico e metodológico da pesquisa que nesta fase é de natureza bibliográfica e documental: levando em conta os observatórios dedicados à vida estudantil, quem criou, onde foi criado, quando e com que tipo de apoio institucional? Com quais objetivos justificadores? Até que ponto o *modus operandi* dos referidos observatórios diferem de país a país? Qual tem sido a agenda de pesquisa e publicação cumprida? Quais são os recursos metodológicos predominantemente explorados? A quem interessa conhecer a vida dos estudantes? Quais são os usos dos dados gerados? Até que ponto estas iniciativas estão consolidadas? Quais são as razões que justificam a consolidação ou a descontinuidade das referidas iniciativas?

Palavras-chave: Observatório; Vida Estudantil; Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; Pesquisa exploratória.

1. Introdução – problematizando o tema

Nas sociedades intensivas em conhecimento, a exigência de equilibrar acesso, permanência e qualidade da Educação Superior ganha espaço de discussão na academia e na política, tanto no âmbito do governo federal de distintos países, quanto de agências multilaterais sintonizadas com a educação (UNESCO, 2014). Isso tem levado o governo federal a formular políticas, conceber programas e estabelecer ações orientadas para a criação de condições que favoreçam o ingresso e o acesso de jovens de distintos perfis sociodemográficos e socioeconômicos. Possivelmente isso ajude a explicar as razões do crescimento exponencial da população universitária nos últimos 15 anos.

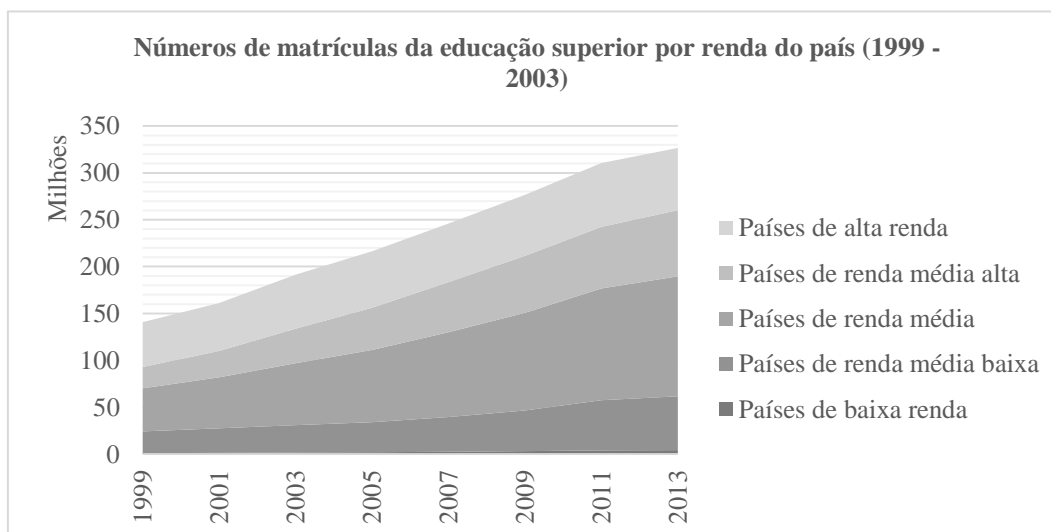
Gráfico 1: Número de matrículas da educação superior por nível de desenvolvimento econômico e social (classificação segundo as Nações Unidas):



Fonte: <http://www.uis.unesco.org/Pages/default.aspx>

Levando em conta que o acesso ao Ensino Superior transita da massificação para a pós-massificação entre vários países centrais e que há um déficit de acesso e qualidade entre os países periféricos e semiperiféricos, estima-se que nos próximos anos, o grosso da demanda por este nível de formação se concentrará entre estudantes oriundos dos países periféricos e semi-periféricos, predominantemente àqueles localizados no Hemisfério Sul. Permitindo a presença de um perfil de estudantes até então ausente dos campi universitários, conseqüentemente, trata-se de um grupo social pouco conhecido por professores e gestores das universidades públicas ou particulares

Gráfico 2: Número de matrículas da educação superior por nível de desenvolvimento econômico e social (classificação segundo as Banco Mundial):



Fonte:
<http://www.unesco.org/Pages/default.aspx>

Em países centrais que vivenciaram as consequências do processo de massificação do Ensino Superior na década de 1990 houve preocupação de investir na criação de observatórios orientados para a geração de dados, informações e conhecimento sobre aspectos importantes da “vida estudantil”. E a geração desse conhecimento passou a alimentar o debate público, sobretudo a formulação de políticas públicas mais ajustadas às novas demandas geradas em virtude da heterogeneidade do corpo discente. Nas palavras de Coulon (Sampaio, 2011, p. 263),

... em 1989, momento em que a França vivia a última fase de massificação de sua população universitária, o ministro da Educação decidiu criar, em âmbito nacional, um Observatório da Vida estudantil (OVE), que teria, como missão, realizar pesquisas voltadas para a sistematização de informações, detalhadas e objetivas, sobre a condição de vida dos estudantes, bem como de sua relação com os estudos e percurso acadêmico, com a finalidade de iluminar o debate público e contribuir para a tomada de decisões.

Desde então, enfatiza o autor, várias universidades francesas investiram na criação de um OVE próprio, competente para fomentar conhecimento sobre a população discente (condições de vida, aproveitamento dos estudantes, desenhos curriculares, modos de vida, inserção profissional etc.), visando fortalecer a gestão acadêmica da instituição. Há versões dessa iniciativa nos trópicos, um exemplo disso é a associação entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na criação de um OVE. Com isso, objetivam identificar os desafios enfrentados e o aprendizado resultante do processo formativo, sem perder de vista os significados que os discentes constroem acerca das experiências vivenciadas no meio acadêmico.

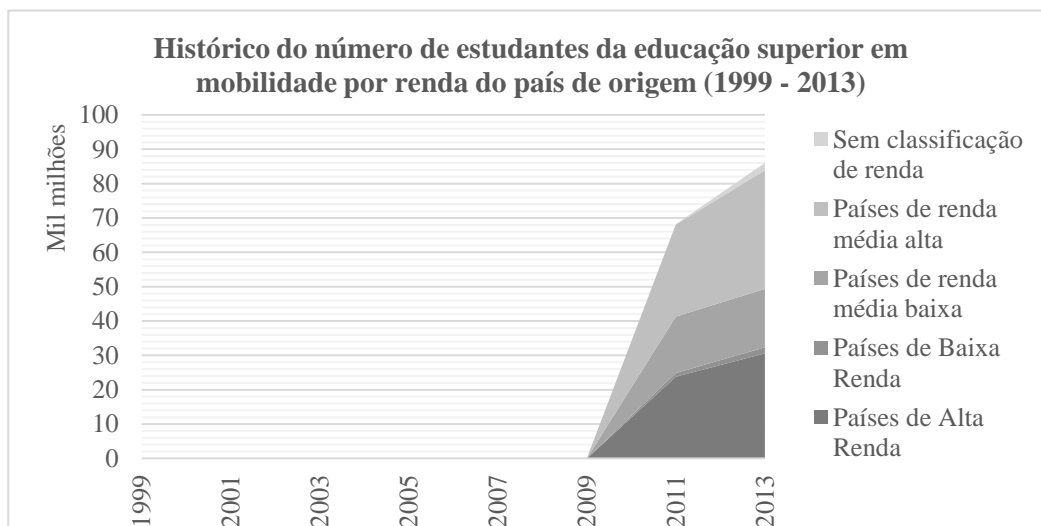
Trabalhar nessa perspectiva equivale a reconhecer que os estudantes não constituem um grupo homogêneo, ou seja, “a diversidade de novos aspectos que afetam a vida

estudantil não se limita aos modos por eles adotados para se adaptarem e dar curso à vida acadêmica” uma vez que “ela abrange, igualmente, hábitos e mudanças relativos à saúde, alimentação, lazer, às práticas culturais e sexuais e suas relações com a família e a comunidade” (Sampaio, 2011, p. 13).

Com a modernização do setor produtivo e a reorganização do trabalho em âmbito mundial, percebe-se clara alteração nos critérios de seleção dos jovens que ingressam no mercado de trabalho. Isso justifica o elevado percentual de jovens desempregados e a crescente valorização de competências até então desconsideradas pelo ambiente educacional. Assim sendo, não surpreende que estudantes, respectivas famílias e o governo de diversos países se mostrem dispostos a investir em programas de mobilidade acadêmica internacional com potencial de colaborar não apenas para a formação acadêmica, mas também com o desenvolvimento de habilidades e atitudes, sem desconsiderar as condições que favoreçam a maturidade e a autonomia dos jovens.

Mas, qual é a participação dos jovens oriundos dos países periféricos e semiperiféricos nesses programas, particularmente os estudantes originários dos países que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)? Considerando as limitações orçamentárias e aquelas relativas ao capital cultural, particularmente ao repertório acadêmico e a proficiência idiomática entre estes estudantes, como eles podem nutrir expectativas de ingressar e concluir com êxito um programa de formação oferecido por universidades academicamente renomadas? Ao ingressarem em um programa de formação superior oferecido por reputadas universidades, o que eles necessitam em termos de apoio acadêmico e assistência estudantil, se houver por parte destas universidades real compromisso em reduzir os índices de retenção e a evasão?

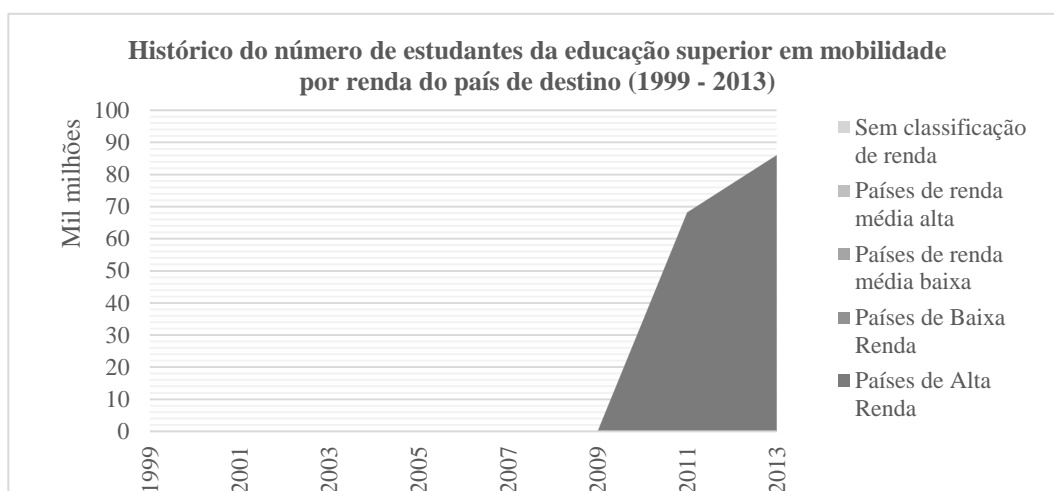
Gráfico 3: Número de estudantes da educação superior em mobilidade por país de origem:



Fonte: <http://data.uis.unesco.org/Index.aspx?queryid=171#>

Com honrosas exceções, o interesse das universidades que se notabilizaram mundialmente tem se concentrado na atração de estudantes internacionais solvíveis, oriundos de famílias com condições de financiar a formação internacional, em oposição a estudantes de baixa renda, com limitadas chances de ingresso e êxito na Educação Superior. Isso explica o fato de a mobilidade acadêmica internacional entre os estudantes da Educação Superior se revelar um fenômeno que se manifesta de forma crescente, diversificada, sobretudo assimétrica (Ballatore, 2010).

Gráfico 4: Número de estudantes da educação superior em mobilidade por país de



destino:

Fonte: <http://data.uis.unesco.org/Index.aspx?queryid=171#>

Em contrapartida, poucas universidades têm investido recursos orientados pelo genuíno compromisso de influir sobre condições que favoreçam resultados acadêmicos positivos entre os representantes desse grupo de estudantes, ao contrário, os estudantes em condições adversas são tratados como iguais! Com isso, observa-se um flagrante vazio de dados, particularmente acerca de jovens oriundos dos países que têm o português como língua oficial. A formação substantiva de parte desses jovens não passa pela educação internacional? Até que ponto seria defensável a criação de um OVE comprometido com investigações cujos resultados colaborassem para os países de origem dos estudantes formularem políticas ajustadas às reais necessidades e as universidades que acolhessem os estudantes imprimissem mudanças capazes de ampliar as condições de ingresso e êxito? Esta é a problematização enfrentada por este ensaio.

1. Recursos Metodológicos mobilizados

O texto ganha as características de um ensaio acadêmico. De acordo com Severino (2000), trata-se de uma exposição lógico-reflexiva, cuja elaboração requer elevada capacidade de interpretação pessoal dos autores uma vez que envolve exercícios pautados na reflexão cuidadosamente argumentada. Isso equivale a afirmar que apesar de independe de comprovações empíricas, o texto ganha credibilidade pela robustez argumentativa. Compreensivelmente, o ensaio acadêmico aprofunda um tema que já despertou o interesse de outros autores e por isso mesmo já foi objeto de estudos anteriores e justificou publicações conhecidas Lukács apud Meneghetti (2011). Nesse caso, a originalidade requerida da produção acadêmica reside na trilha argumentativa escolhida pelos autores que assinam o texto.

2. O que entender por Observatório da Vida Estudantil?

O conceito de observatório ultrapassa os limites da ciência astronômica e se aproxima das ciências culturais. O termo observatório remete a uma metáfora que tem o método como referência, afinal, no âmbito da ciência, define-se campo como espaço da observação, da coleta de dados e da produção de fatos. O campo da pesquisa ganha particular importância na investigação de temas subordinados às ciências culturais, a exemplo da Antropologia. Compreensivelmente, nesse contexto, campo remete a ideia de imersão, participação, em oposição a distanciamento, ausência de controles, em oposição ao ambiente experimental típico dos laboratórios. Isso explica a origem de conceitos tais como trabalho de campo e diário de campo (Almeida Filho, 2011, p. 11).

Inspirando-se pela leitura de Almeida Filho (2011, p. 11) é possível afirmar que a universidade pode se configurar um objeto de pesquisa; o *campus*, uma etnopaisagem; os estudantes, atores sociais que protagonizam etnografias de tribos universitárias.

3. Porque investir na criação de um Observatório da Vida Estudantil?

Tanto a mobilidade acadêmica internacional quanto a massificação da Educação Superior têm o poder de desencadear mutações que repercutem sobre a dinâmica interna e externa das universidades. Observa-se que no interior das universidades ocorrem alterações nas demandas sociais, nos públicos de interesse, nos programas de formação oferecidos, nos desenhos curriculares, nos recursos pedagógicos mobilizados, em programas de assistência estudantil etc. O ambiente também requer alterações, particularmente no que se refere à infraestrutura relacionada à saúde, alimentação, moradia, transporte, lazer etc.

Estas transformações requerem espaços de compreensão, reflexão e proposição, justificando a criação de uma plataforma capaz de reunir dados que se prestem a serem organizados, descritos, interpretados e possam fundamentar textos (relatórios, artigos, capítulos de livros, livros etc.) com potencial de serem lidos e justificar a formulação de políticas, projetos e ações orientadas para a ampliação de condições que favoreçam a formação superior de estudantes que integram os países de língua portuguesa.

Nessa trilha, será possível ultrapassar uma visão que transita da ignorância para o impressionismo acerca da vida estudantil. O Observatório assumiria, portanto, a responsabilidade de preencher as lacunas derivadas da fragmentação e da descontinuidade de dados e informações relevantes acerca da vida estudantil.

4. Avaliação do nosso objeto de estudo: Observatórios

Cada vez mais a educação assume o desafio de se tornar um espaço de mediação entre os atores que protagonizam o processo que envolve ensino e aprendizagem. A universidade, por sua vez, é uma expressão da sociedade em que faz parte, por isso mesmo, expõe as contradições que emergem, particularmente, no campo social. O conhecimento gerado integra o patrimônio social, uma vez difundido, pode ampliar a qualidade de vida da sociedade e as condições de vida de determinada população. Nesse sentido, tanto a geração, quanto a difusão do conhecimento assumem centralidade. Um observatório da vida estudantil tem condições de combinar estas duas dimensões com a ação, na direção de pesquisas orientadas para e pela ação.

O levantamento bibliográfico e documental permitiu a localização de 24 observatórios dedicados à investigação da vida estudantil: 13 localizados no Brasil, seis em Portugal, três na França e um no Canadá. Na sequência, o Quadro 1 consolida o nome do observatório, as instituições responsáveis por sua criação e funcionamento, além da síntese dos objetivos. Os objetivos declarados reiteram a tripla função assumida por grande parte dos observatórios, antes ressaltadas.

Quadro 1: Observatórios sobre a vida estudantil

Nome	Universidades envolvidas País e/ou Parceiros	Síntese dos objetivos declarados
Observatório da Vida Estudantil (OVE)	UFBA e UFRB (Brasil)	Investigar a diversidade de trajetórias juvenis e estudantis presentes no contexto destas universidades, analisando as possibilidades que se abrem aos jovens a partir de seu ingresso na vida universitária, os desafios que encontram para sua permanência e conclusão de seus estudos com sucesso.
Observatório da Vida do Estudante Universitário (OVEU)	UFRN (Brasil)	Contribuir para um melhor conhecimento da população que ingressa na UFRN, no que diz respeito a seus cursos, suas características socioeconômicas, sua trajetória no Ensino Fundamental, Médio e Superior.
Observatório Jovem	UFF e UFMG (Brasil)	Desenvolver pesquisas capazes de gerar produtos analíticos com o foco na juventude (artigos, livros, coletâneas, teses, dissertações, monografias e vídeos-documentários). Apoiar o fluxo das informações jornalísticas sobre o tema juventude. Divulgar informações qualificadas de outras fontes. Promover debates público e seminários de pesquisa sobre os resultados das investigações realizadas.
Observatório Universitário	ONG (RJ - Brasil)	O trabalho do Observatório Universitário contempla de forma sistemática tantas pesquisas acadêmicas, de caráter multidisciplinar, quanto a execução de projetos centrados em aspectos regulatórios, práticos e operacionais do sistema de educação superior brasileiro.
Observatório da Juventude	UFMG Associação Imagem Comunitária, Observatório Jovem do RJ Portal EMdiálogo (Brasil)	Promove atividades de investigação e disseminação de informações sobre a situação dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte. Promove debates sobre os resultados das pesquisas. Oferece atividades de capacitação direcionadas para os jovens, para os educadores e para estudantes de graduação e pós-graduação da UFMG interessados na problemática juvenil. Inscreve-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas públicas e as ações sociais voltadas aos jovens; as práticas culturais e as ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

Observatório do Ensino Médio	UFPR (Brasil)	Reunir estudantes, educadores e pesquisadores dos diversos níveis e modalidades de ensino que tenham interesse em compartilhar ideias, temas e pesquisas sobre Ensino Médio, juventude, suas relações com a escola e com o mundo do trabalho.
Observatório da Educação	Secretaria de Educação de Campinas, Fundação FEAC (Brasil)	Acompanhar a evolução a oferta de serviços sócio educacionais, no tempo e no espaço.
Projeto Observatório da Educação (OBEDUC)	UFMS, UFAL, UEPB (Brasil)	Articular a pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica. Estimular a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado.
Observatório Social em Educação	Centro Industrial do Ceará (Brasil)	Mobilizar os diversos segmentos da sociedade, em parceria com instituições públicas e privadas, visando observar, sistematizar e difundir dados sobre a educação, visando ao desenvolvimento econômico, social e sustentável do Ceará.
Observatório Escolar	Centro Paula Souza (Brasil)	Ser um instrumento de avaliação das escolas técnicas (Etecs), com o propósito de contribuir para a consolidação da rede de escolas técnicas voltadas para a educação profissional.
Observatório da Educação em Engenharia	UFJF, CNPQ (Brasil)	Desenvolver atividades de estudos e pesquisas sobre a formação e o exercício profissional em engenharia.
Observatório da Educação na Fronteira (OBEDF)	UNIR UFSC (Brasil)	Construir um panorama qualificado sobre a situação linguística em escolas da fronteira, observando seu reflexo sobre os processos de aprendizagem, notadamente, da língua portuguesa pelo aluno de séries iniciais.
Observatório da Vida do Estudante (OVEP)	IFRN (Brasil)	Mapear informações sobre a vida do estudante e desenvolver ações de intervenção para garantia do acesso, da permanência, do êxito e da conclusão com inserção dos estudantes da educação profissional do IFRN.
Observatório da Juventude	Governo de Minas Gerais (Brasil)	Divulgar ações e oportunidades que o Governo de Minas Gerais coloca em prática com foco nos jovens mineiros. Divulgar informações que revelem a situação do jovem no estado de MG.
Statistiques de l'enseignement supérieur	Ministério da Educação (Canadá)	Divulga informações sobre a vida estudantil no Quebec com intuito de: a) promover a educação, o lazer e o esporte; b) contribuir, através da promoção, desenvolvimento e apoio a essas áreas, o aumento do recreação e esportes científicas, culturais e profissionais; c) fazer esforços junto ao Ministério do Ensino Superior que gerem melhorias; d) gerar conhecimento científico e tecnológico capaz de promover a continuidade, desenvolvimento e integração de percursos de aprendizagem ; e) contribuir para a harmonização das políticas governamentais.
Observatoire National de la Vie Étudiante (OVE)	Ministério da Educação (França)	Fornecer informações completas e objetivas sobre a vida dos estudantes para subsidiar o pensamento político e social e apoiar o processo decisório em âmbito governamental.
Observatoire de la Vie Étudiante	Paris 8 - Université Vincennes Saint Dennis (França)	Contribuir para o conhecimento do aluno em seu curso universitário, levando em conta as suas condições de vida (econômica e social) e as

		perspectivas de seu futuro profissional.
Observatório da Vida Estudantil (OVE)	Université Paul Valéry Montpellier 3 (França)	Analisar o processo de integração de jovens licenciados e produzir indicadores sobre as condições de vida e registo nas motivações da universidade. Produzir ferramentas analíticas e de assistência para as instituições educacionais.
Observatório Permanente da Juventude (OPJ)	Universidade de Lisboa (Portugal)	Produzir conhecimento científico sobre juventude, assumindo-se como pólo dinamizador de uma rede de investigadores nacionais e internacionais que se dedicam à investigação científica neste domínio, nas suas mais diversas vertentes temáticas.
Observatório das Políticas Locais de Educação	Ministério da Educação de Portugal, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Centro de Estudos de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Unidade de Investigação, Governança, Competitividade e Políticas Públicas, Universidade de Aveiro (Portugal)	Promover a reflexão teórica sobre as questões da descentralização de competências para as autarquias e o aprofundamento de conhecimento sobre as políticas educativas locais.
Observatório dos luso-descendentes	(Portugal)	Ser parte do movimento de cidadania positiva, de Luso-Descendentes para Luso-Descendentes, de Portugal para o resto do mundo, visando estreitar relações com as novas gerações e divulgar a identidade, cultura e língua portuguesas.
Observatório da Emigração	Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP) Centro de Investigação (CIES/ISCTE) Estudos de Sociologia (ISCTE) Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (Portugal)	Produzir e disponibilizar informação sobre a evolução e as características da emigração e das comunidades portuguesas. Contribuir para a definição de políticas públicas neste domínio.
Observatório dos Percursos dos Estudantes da Universidade	Universidade de Lisboa (Portugal)	Fornecer à comunidade escolar e à sociedade civil um conhecimento sistemático, consistente e atualizado sobre os estudantes da Universidade de Lisboa.
Observatório de Políticas de Educação e Formação	Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED)	Realizar e potencializar a investigação fundamental e aplicada na área das políticas de educação e formação.

	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos Sociais (CES/UC) (Portugal)	
--	--	--

Fonte: Levantamento bibliográfico e documental conduzidos pelos autores, 2015.

Consultando os dados consolidados no Quadro 1 se observa que a maioria dos observatórios têm estreito vínculo com uma ou mais universidades: considerando os 24 observatórios localizados, constata-se que 16 deles está vinculado a instituições de ensino superior e se concentram em pesquisas sobre a própria população estudantil, particularmente os ingressantes nos cursos oferecidos. O *Observatoire national de la vie étudiante*, criado pelo ministro da educação da França, em 1989, representa uma exceção porque desde o seu nascedouro, interliga as funções atribuídas ao Estado, à Sociedade Civil e ao Mercado. Assume a responsabilidade de fornecer informações ao Estado, no intuito de inspirar a formulação de políticas públicas voltadas para os estudantes da Educação Superior, na expectativa de ampliar as condições que favoreçam a formação superior do maior número possível de jovens, dessa forma acreditam alimentar as exigências de um mercado de trabalho em transformação.

O Observatório da Vida Estudantil, recentemente criado pela UFBA e pela UFRB, tem se dedicado a “acompanhar os diferentes modos de vivenciar a experiência de ser um estudante da Educação Superior, utilizando-se de metodologia e técnicas de coleta e análise flexíveis no âmbito da pesquisa qualitativa” Sampaio (2011, p. 13). Apesar de jovem, o referido OVE envolve pesquisadores, professores, doutorandos, mestrados e bolsistas de iniciação científica no desenvolvimento de uma agenda de pesquisa capaz de alimentar publicações em formato de artigos e livros sobre temáticas alinhadas às políticas de ações afirmativas formuladas no âmbito do governo federal.

Nessa trilha, é possível assegurar que o *modus operandi* dos OVE mapeados guarda algumas diferenças: enquanto o OVE francês é um projeto de Estado, conta com a expertise dos pesquisadores vinculados às universidades públicas e com o envolvimento de representantes do sindicato nacional dos estudantes para definir uma agenda de pesquisa, consolida e divulga os resultados das pesquisas realizadas em uma única plataforma, subsidiando as políticas públicas voltadas a esse público; os demais OVE refletem os interesses de governos estaduais, universidades isoladas, e programas de pós-graduação, sinalizando fortes possibilidades de discontinuidades.

Levando em conta o interesse de conhecer aspectos relacionados à vida estudantil dos estudantes universitários oriundos dos países que integram a CPLP, é possível afirmar que não foi localizado qualquer iniciativa nessa direção.

5. Considerações finais

É importante destacar que os OVE funcionam como agentes capazes de articular a produção do conhecimento, a sua disseminação e a formulação de políticas, projetos e ações, seja no âmbito federal (França) ou institucional (demais iniciativas) voltados para a ampliação de condições que favoreçam o ingresso, a permanência e o êxito acadêmico que pode influir sobre a inserção profissional dos jovens. Por isso mesmo, a agenda de pesquisa cumprida revela particular interesse pela trajetória do estudante, desde o seu ingresso, permanência na universidade e sua colocação no mercado de trabalho, sem desconsiderar aspectos externos à universidade que podem exercer variada influência sobre a vida estudantil dos universitários a exemplo dos temas relacionados à alimentação saúde física e emocional, transporte, moradia, espaços de socialização, iniciativas voltadas para a integração à vida universitária etc.

Apesar dos esforços, observa-se que as universidades não estão equipadas para receber esta população heterogênea em tudo – língua, capital cultural, repertório acadêmico, expectativas, hábitos de estudo, consumo de bens culturais etc. – e isso fica explicitado na rigidez dos cursos oferecidos, nos currículos desenhados, na literatura obrigatória, na metodologia de ensino e aprendizagem, na relação entre professores e estudantes e na forma de avaliar a aprendizagem, por exemplo. A crise da universidade desnuda dificuldades de a instituição promover mudanças internas, sobretudo assumir uma dimensão civilizatória. Nessa trilha, a criação de um observatório da vida estudantil capaz de gerar conhecimento sobre os estudantes oriundos dos países da CPLP favorecerá a emergência de iniciativas localizadas ou mais amplas comprometidas com a ampliação de chances de acesso efetivo àqueles jovens que desejam investir em um programa de formação superior, mas enfrenta obstáculos de múltiplas naturezas. Mesmo diante do baixo desempenho da economia, como cortes de bolsas de estudo e subsídios em educação, temos que nos ater a questão estratégica da lusofonia como uma cidadania global, ou uma cidadania sem fronteiras dentre as múltiplas perspectivas que isso possa favorecer.

6. Referencias

- Almeida Filho, J. C. P. (2011). O ensino de línguas no Brasil de 1978. E agora? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 1(1).
- Ballatore, M. (2010). *Erasmus et la mobilité des jeunes Européens: entre mythes et réalités*: PUF.
- Davidenkoff, E., & Kahn, S. (2006). *Les universités sont-elles solubles dans la mondialisation?* : Hachette littératures.
- Meneghetti, F. K. (2011). What is a theoretical essay? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320-332.
- Sampaio, S. M. R. (2011). *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*: Edufba.
- Severino, A. J. (2000). *Metodologia do Trabalho Científico* (C. Editora Ed.).
- UNESCO. (2014). *Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos*. Retrieved from <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>